

# O ensino de geografia em tempos de pandemia

**Autora:**

**Francisca Ferreira Gomes**

*Doutora em Ciências da Educação*

DOI: 10.58203/Licuri.22016

**Como citar este capítulo:**

GOMES, Francisca Ferreira, O ensino de geografia em tempos de pandemia. In: Oliveira, Habyhabanne Maia (Org.). **Desafios contemporâneos na Educação: Uma visão interdisciplinar**. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 60-70.

ISBN: 978-65-85562-20-1

## Resumo

Este capítulo se propõe a discutir o ensino de geografia em tempos de pandemia em escola da rede pública estadual em Humildes, BA. Os procedimentos metodológicos basearam-se em pesquisas bibliográficas, análise de livros, revistas e artigos científicos nos bancos de dados Scielo e Google acadêmico relacionados a abordagem tecnológica educativa e entornos virtuais de caráter qualitativo, de natureza básica analisando os fatos e fenômenos ocorridos no contexto da atividade do professor. A pandemia de Covid-19 afetou globalmente economia, política e educação. Em diversos países, incluindo o Brasil, milhares de escolas fecharam, impactando mais de 1,5 bilhão de estudantes (91% do total mundial) e 60,3% dos professores. O distanciamento social colocou em foco o uso de tecnologias educacionais, marcando um cenário inédito desde a Segunda Guerra Mundial, segundo a UNESCO. Diante dessa nova realidade, governos estaduais e municipais depararam-se com a necessidade de concentrar esforços para situações de aprendizagem remota na modalidade de ensino híbrido, ou seja, aulas presenciais mediadas pela tecnologia como forma de implementar a educação. Professores de geografia do Ensino Médio em Humildes, Feira de Santana-BA, enfrentam o desafio de inovar no ensino remoto, diante da falta de orientação do governo federal. As aulas online evidenciam fragilidades educacionais, revelando desigualdades sociais e tecnológicas, destacando a distância em direção à equidade na educação.

**Palavras-chave:** Covid-19. Tecnologia. Ensino-aprendizagem. Estudante.

## INTRODUÇÃO

Mudanças relevantes nas tendências dos processos pedagógicos são uma realidade na educação e conseqüentemente no ensino de geografia no século XXI. A incorporação acelerada de tecnologias digitais no ensino-aprendizagem, em consequência da pandemia, trouxe a necessidade de um olhar diferente sobre a relação professor-aluno.

Com a transformação digital a educação e o mercado de trabalho passaram a buscar habilidades diferentes, forçando o sistema de ensino a pensarem em metodologias ativas a exemplo da tendência da modalidade de ensino híbrido que alia a aprendizagem presencial de sala de aula ao ambiente online, por meio de atividades remotas, em plataformas de aprendizagem, aplicativos ou softwares.

Esse propósito de agregar conhecimento, coloca o aluno como protagonista de seu próprio aprendizado, nesse contexto desafiador que lamentavelmente provocado pela pandemia do Covid-19, é inegável que as tecnologias educacionais estão adquirindo crescente importância, seja no ensino presencial ou a distância. Isto sugere a necessidade de conhecer sobre as características individuais e cognitivas do aluno, propiciando uma melhor mediação do processo de ensino e aprendizagem. Nesse caso, abre possibilidades de se adequar o planejamento e a didática do ensino as necessidades dos envolvidos (BOLZAN, 1998).

No cenário de ensino e aprendizagem de geografia escolar, as tecnologias se bem utilizadas e mediadas por ações pedagógicas pautadas nas vivências cotidianas de aluno e professor, podem contribuir na consolidação de práticas significativas e no sucesso da aprendizagem. Abrir espaço para as mudanças trazidas pelo avanço tecnológico coloca a escola e o professor em posição de vanguarda frente as demandas do futuro, marcadas por experiências estimulantes que colocam a prova a capacidade criativa do aluno, oportunizando se tornar um cidadão consciente e transformador.

As mudanças são acompanhadas de muitos desafios, se tratando do ensino de geografia no Ensino Médio, em Humildes, Feira de Santana- BA. Apesar de todos os esforços canalizados, para promover uma educação de qualidade requer o uso de ferramentas tecnológicas no desenvolvimento das atividades educativas. Muitos desses recursos que já poderiam estar a serviço da escola na difusão de conhecimento ainda enfrentam obstáculos, hoje no mundo globalizado a escola reflete um espaço de reinvenção, o poder

público precisa ter esse entendimento, portanto é necessário destinar incentivos em recursos tecnológicos e humanos para que a educação e o ensino de geografia possam acompanhar mudanças em curso.

O objetivo geral deste artigo em questão se propõe a discutir o ensino de geografia em tempos de pandemia em escola da rede pública estadual em Humildes, BA. Os objetivos específicos são: Identificar os impactos encontrados na escola durante o período de pandemia do covid-19 e; mostrar como as secretarias de educação se comportaram nesse momento.

## **METODOLOGIA**

Os procedimentos metodológicos basearam-se em pesquisas bibliográficas, análise de livros, revistas e artigos científicos nos bancos de dados Scielo e Google acadêmico relacionados a abordagem tecnológica educativa e entornos virtuais de caráter qualitativo, de natureza básica analisando os fatos e fenômenos ocorridos no contexto da atividade do professor e os seus desdobramentos, com foco na temática, o impacto da pandemia sobre o uso de tecnologias digitais na educação abre um caminho para um ensino contextualizado com a realidade.

## **O IMPACTO DO COVID-19 NO ENSINO MÉDIO DE GEOGRAFIA EM HUMILDES-BA**

O contexto histórico-social que vivencia a sociedade no momento atual, é imprescindível refletir sobre o impacto provocado pela propagação do novo coronavírus, que afetou profundamente o ensino e aprendizagem da educação brasileira, em especial dos alunos de geografia do Ensino Médio. Ainda que se trate de uma questão de saúde pública, o contágio pelo Covid-19 atingiu os mais diversos setores da economia mundial, acarretando desastrosas consequências econômicas, políticas e sociais, também a educação não poderia ficar de fora deste contexto que se manifestou através de uma grave instabilidade social e educacional.

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a pandemia provocada pelo contágio do Covid-19, foi responsável por milhares de escolas fechadas e mais de 1,5 bilhão de estudantes em 165 países ,incluindo-se

também o Brasil, o que representou cerca de 91% do total do alunado do planeta e aproximadamente 60,3% dos professores distantes das salas de aula, cenário que não se repetia em inúmeros países do mundo desde a Segunda Guerra Mundial, evidenciando que é indiscutível a relevância que a Educação e o ensino de geografia tem no futuro e emancipação da sociedade contemporânea.

Diante dessa crise sem precedentes de proporção global não apenas evidenciando a questão da Saúde, mas também em torno de todo aprendizado em geral do planeta, trouxe inevitavelmente ao centro do debate educacional o uso das tecnologias educacionais para a realização de atividades escolares não presenciais. Uma pandemia com a dimensão e repercussão que a Covid-19 alcançou, praticamente instituição escolar “nenhuma” poderia estar preparada para enfrentar as consequências naturais impostas pelo distanciamento e isolamento social deste vírus altamente contagioso.

Em face dessa nova realidade governo estaduais e municipais, prescindindo da estrutura necessária para prática da educação a distância, depararam-se com a necessidade de concentrar esforços para o desenvolvimento de situações de aprendizagem remota, que em geral, estão sendo mediadas pelo uso das tecnologias digitais. Diante disso, foi demandada por parte dos professores principalmente os de geografia a capacidade de experimentar, inovar e sistematizar esse conhecimento no processo ensino-aprendizagem, cujo uso, dessas ferramentas para muitos era até, então desconhecido.

Essa realidade demonstrou o quanto abrange o despreparo (com exceção de alguns países) de toda comunidade escolar, principalmente a brasileira e até mesmo em países que possuem uma estrutura robusta de acesso à internet e às tecnologias nos mais diferentes dispositivos, tanto escolas públicas quanto privadas, como por exemplo a China, primeiro país a enfrentar um grande contágio pelo Covid-19, inicialmente encarou algumas empreitadas, até que fossem enfim tomadas iniciativas de ensino não presencial. Processo semelhante também ocorreu no Canadá e países europeus, que diligentemente adotaram medidas estratégicas para levar aos alunos o ensino a distância. Para alguns pesquisadores, mesmo superando essa extrema situação, as escolas demonstraram, em um primeiro momento, não possuir a estrutura necessária para o ensino não presencial, o que exigiu tempo de organização.

No caso específico do Brasil, na ausência de uma política nacional de enfrentamento por parte do governo federal, as secretarias de educação estão se organizando de forma diversa, no sentido de ofertar aos alunos, aulas não presenciais de todas as disciplinas

curriculares, especialmente de geografia. No entanto, seja em escala local, nacional ou mundial, apesar de todos os esforços empregados nestas ações, o sistema de ensino tem esbarrado na fragilidade da educação. A pandemia demonstrou e lançou holofotes sobre as desigualdades sociais e tecnológicas evidenciando o quanto ainda há por se fazer até que alcancemos um patamar de equidade no atendimento a educação, no caso específico do Brasil, fazendo valer o que rege a Lei Federal de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), que garante o acesso igualitário à educação como direito social.

A pandemia provocou também muitas reflexões e lições em torno do que precisará ser mudado nas instituições escolares e no processo ensino-aprendizagem, principalmente no que se refere às ciências humanas. Uma destas reflexões refere-se ao fato de quem apenas segue currículos, sem estabelecer relações diretas com seu público alvo e com a realidade que o cerca, não entendeu a mudança educacional. Nesse sentido, enquanto durou o regime especial de atividades não presenciais, ficou inviável tratar os assuntos da mesma forma como se estivessem sendo trabalhados em sala de aula, sem adequações didáticas-metodológicas.

São novos tempos, diferentes espaços e ambientes diferentes de aprendizagem que nem sempre possuem as condições ideais e, além disso, os estudantes possuem condições desiguais de suporte e acesso às tecnologias educacionais. Apesar de algumas instituições da rede pública de ensino contar com recursos tecnológicos na promoção da educação básica, mas, no que diz respeito à oferta do ensino remoto ou à distância, pode-se então evidenciar que a maioria das escolas baianas e brasileiras, dispõe parcialmente dessas ferramentas de inovações educacionais, dificultando assim o processo de gerenciamento da aprendizagem dos alunos, não só de geografia, mas das demais disciplinas escolares.

Diante dessa realidade, cabe à escola nesse momento, provar que suas estruturas não são tão rígidas como se pensava e que a palavra de ordem é a flexibilidade por meio de situações de aprendizagem, envolvendo leitura de bons livros, vídeos, filmes, etc, vinculados à experiência social de isolamento e enfrentamento de uma pandemia de repercussão mundial. Essa e outras questões demonstram as escolas que os desafios são de outra ordem.

Essa situação adversa tem evidenciado a desigualdade que demarca nossa sociedade, pois, enquanto algumas crianças têm acesso a tecnologias de ponta, possuem acesso ilimitado à internet e recebem suporte dos responsáveis, as demais ficam à margem deste processo que oprime por situações diversas, seja pela falta dos

pais/responsáveis não possuírem escolaridade adequada para orientá-las nas atividades escolar ou por se dedicarem a outras obrigações ou ainda por encontrar-se em situação de extrema pobreza e vulnerabilidade social.

Outra questão que também veio à tona, trata-se da individualização do ensino e dos processos avaliativos dos alunos e quais foram suas possibilidades de acesso e aproveitamento das atividades escolares. Os efeitos daquele período de longo afastamento escolar, independentemente do acesso às atividades não presenciais e do suporte familiar, compreendeu-se que o ano letivo de 2020, foi prejudicado do ponto de vista qualitativo. Portanto, é indispensável, que as escolas refaçam seus planejamentos, pensando em recuperar as aprendizagens, bem como, que seja atribuído maior enfoque ao acolhimento destas crianças e jovens, e que nos possibilite estar sensíveis à identificação não só dos prejuízo escolares, mas de possíveis situações de violência física e sexual, bem como de questões emocional e de saúde mental, já visíveis, e muitas vezes “ignoradas” na escola presencial, foi fortemente acentuada com a pandemia do novo coronavírus.

O Covid-19 evidenciou questões já existentes no ensino presencial, agravou tais questões e, ainda antecipou outras, demonstrando a necessidade urgente de investimento massivo, em estrutura física e pessoal por parte das políticas públicas. De forma bastante clara a pandemia trouxe a necessidade de formação docente, reinventar a escola e ressignificar o ensino de geografia são prementes nesse século XXI, isso porque a mobilização de tecnologias para facilitar as aprendizagens escolares exige a presença ativa, constante e competente do professor, este deve estar comprometido com o ensino e com a sua formação continuada. Mas, por outro lado, muitos dos quais não estavam preparados para lecionar a distância, essa “nova” modalidade de ensino requer habilidades e experiência profissional. O procedimento de preparar uma aula virtual é muito diferente do que se faz da prática presencial de sala aula, a dinâmica de interação professor-aluno é outra, a organização da rotina de estudos em casa, o gerenciamento do tempo, planejamento e realização de atividades, entre outras atribuições. As formas de comunicação familiar e do ritmo de aprendizagem também sofreram modificações. Mas, é necessário o acesso as tecnologias educacionais em práticas cotidianas, para que tudo isso aconteça de maneira exitosa.

Outra situação que complica a adesão de alunos de geografia e de outras disciplinas da rede pública escolar às aulas online, são principalmente os softwares utilizados para

esse fim, em grande parte são desenvolvidos para funcionar em computador, recurso tecnológico acessado atualmente por apenas 57% da população brasileira, segundo pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Além disso, o estudo ainda aponta que a maioria das crianças da chamada “Geração Z”, ou seja, a mais recente geração (crianças e jovens), nunca se quer ligou um computador e 97% dos brasileiros acessam diariamente a internet pelo celular e muitas vezes não oferece uma boa qualidade na conexão.

O resultado desta realidade pode ser resumido numa extrema e inevitável acentuação da desigualdade de acesso não só, ao ensino de qualidade, mas também da educação básica, causando um déficit de aprendizagem ainda maior do que o já existente entre o sistema público escolar e o da rede privada de ensino e da própria distância social entre as famílias dos alunos. Em consequência disso, as escolas particulares facilitam a aprendizagem por meio de diversos recursos tecnológicos e estratégias digitais como vídeo-aulas ao vivo ou gravado, envio de atividades, sessões para tirar dúvidas, entre outras. Enquanto a maioria dos estudantes da escola pública ao menos tem acesso à internet, aumentando com isso a disparidade que existe entre os que estudam nas escolas públicas e privadas.

Em um mundo cada vez mais globalizado, estar conectado as redes sociais e digitais é necessário, pois uma ação pode ter repercussão a nível planetário, como foi o caso do impacto provocado pelo alto contágio do novo coronavírus. A sociedade precisava urgentemente se adaptar a essa realidade que trouxe novas abordagens pedagógicas para um cenário em que a tecnologia pode ser importante aliada na implementação do processo ensino-aprendizagem, fazendo-se valer um projeto que seja capaz de promover a inclusão social com acessibilidade a todos educandos (crianças e jovens), a favor de seus estudos. Com as salas de aulas fechadas, entretanto mostrou-se a triste realidade diante das diferenças sociais gritantes que repercutem principalmente no acesso à educação de qualidade, tornando uma visão muito distante do alcance da realidade brasileira.

Entende-se, portanto, que assentir a esta mudança não significa aderir a ideia da substituição das escolas por plataformas digitais de educação a distância, mesmo porque, sem dúvidas, lição daquele momento de isolamento social foi que a mobilização de tecnologia para aprendizagens escolares exigiu e exige a presença reflexiva, ativa e constante do professor. Porém, mais do que nunca é inegável que a interação é ponto primordial das relações de ensino-aprendizagem e que a escola é uma rotina de busca de

conhecimento e espaço de atuação autônoma e coletiva, de vivências e de relacionamento com outro de forma física, presencial e humana, mas também uma instância onde as tecnologias podem e devem cumprir o importante papel de apoio dos métodos de ensino e de aprendizagem. Isso porque o processo de aprendizagem é coletivo, conta com a curiosidade mútua, com liberdade e interação que os alunos precisam ter para aprender. Assim, a escola transcende a posição de espaço de aprendizagem, ou seja, é uma comunidade onde professores, alunos e gestores relacionam-se, interagem e aprendem mutuamente, por meio do contato pessoal, da experiência, vivências no coletivo, das confidências e do relacionamento.

Além disso, diante do desafio de alcance e (manutenção) do engajamento dos alunos durante o regime especial de atividades, evidenciou-se que não se tem angariado êxito na tarefa de preparar nosso alunado para que seja aprendizes e estabeleçam uma relação ativa e investigativa com o conhecimento, tampouco para que utilizem as tecnologias educacionais para essa finalidade. Mesmo contando com a percepção da importância desta motivação para situações de ensino, aquele período de atividades não presencial (em casa) evidenciou que a aprendizagem, além de envolver planejamento e mediação competente de um profissional com formação para tanto, aprender envolve também a capacidade de motivar o aluno, de modo que seja autodeterminado para aprender.

Algumas secretarias de educação no período de pandemia buscaram iniciativas para levar o ensino para fora dos muros da escola, tendo como ponto de apoio para viabilizar o processo de aprendizagem a inserção de tecnologias educacionais. O distanciamento social e a suspensão das aulas presenciais impuseram alternativas para pensar e desenvolver estratégias e habilidades em sintonia com a demanda local e das disciplinas básicas, especialmente de geografia considerada de grande valia no currículo escolar pelos seus conteúdos que instigam os alunos a pesquisar, refletir e se posicionar de forma crítica frente a situações-problema do cotidiano. Para um contexto tão difícil e desafiador como este, os recursos tecnológicos de fato eliminando qualquer barreira física ou geográfica de comunicação podem contribuir para a construção de conhecimento geográfico e também para a formação do aluno.

As múltiplas incertezas causadas pelo Covid-19, especialmente na área educacional, alguns pesquisadores acreditam que o ensino híbrido permite aos alunos prosseguirem com seu processo de aprendizado, combinando conteúdos ministrados em

uma plataforma digital às aulas interativas mantendo a qualidade do ensino/aprendizagem. Diante a possibilidade de retorno as aulas presenciais, o ensino híbrido poderá ganhar força pela necessidade urgente de mudanças em nossas escolas. Sendo a cultura digital uma das competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na Educação Básica, o contexto traz para a sala de aula possibilidades de desenvolvimento de habilidades extremamente necessárias para a implementação da educação do século XXI, elevando o protagonismo do aluno, aguçando sua autonomia e sua capacidade criativa.

Contudo, a realidade das escolas brasileiras está infelizmente, distante de alcançar um patamar para competir em condição de igualdade. Deve-se ressaltar que assentir às mudanças do campo educacional exige um grande movimento, que envolve investimento massivo, tanto em políticas sociais, quanto em políticas educacionais e de formação e valorização docente. No entanto, o descaso e a falta de incentivo que a educação esbarra na fragilidade, envolvendo umas das críticas mais recorrente no país.

É inegável que o coronavírus foi promotor de uma crise mundial nos diversos campos, ocasionando mortes, desemprego e grave instabilidade social. Além disso, evidenciou que a proclamada educação como direito de todos, ainda está longe de ser um direito efetivado, existindo nos diferentes países, de maneira mais ou menos acentuada, um abismo entre o direito anunciado e o direito efetivamente desfrutado. Contudo, a pandemia provocou também reflexões profundas em todas as instâncias sociais e, logo, também, em relação ao modelo educacional vigente. Pois, a modernidade está posta e tanto a escola quanto o professor necessariamente devem demandar esforços para mudar, pois a sociedade se transforma constantemente, portanto a educação e o ensino de geografia devem acompanhar essa dinâmica da contemporaneidade.

## Covid-19 afetou as aulas

Pretende-se mostrar, portanto, que o estudo é uma contribuição para compreender todo o contexto histórico-social, no qual, seja possível ao professor identificar o potencial transformador da geografia no ensino-aprendizagem.

A educação no Brasil vivencia profundas mudanças, principalmente em decorrência do contágio mundial pela propagação do novo coronavírus, Covid-19, que afetou

profundamente o processo de ensino e aprendizagem, atingindo todos os alunos em especial os de geografia do ensino Médio. Diante dessa nova realidade, muitos estabelecimentos de ensino entre esses em Humildes, aparentemente foram pressionados pela comunidade escolar (alunos, professores, pais, gestores, coordenadores, etc.), a se adaptar a esse novo cenário em que o uso de tecnologias educacionais pode ser um importante aliado do processo de ensino e conseqüentemente nas realizações das atividades escolares, não presenciais.

## Suspensão das aulas

Com a suspensão das aulas presenciais afastando a comunicação presencial entre professor e aluno, demonstra o despreparo do sistema educacional do país, em um contexto em que os recursos tecnológicos poderiam superar os desafios enfrentados no ensino -aprendizagem de milhares de alunos das escolas públicas brasileiras. Apesar de todos os esforços empregados para levar o ensino a distância, o sistema educacional tem esbarrado na fragilidade da educação.

## O ensino Aprendizagem na escola

O processo de ensino aprendizagem não é estático, estamos vivenciando um período de mudanças de paradigma. O modelo tradicional de ensino tem sido posto à prova diante dos avanços das tecnologias de informação e comunicação. A escola é um espaço formal de educação e está sendo cobrada quanto à inserção dos recursos tecnológicos na prática pedagógica. Assim, parece evidente que a relação entre tecnologia e educação está ocorrendo forçosamente em boa parte dos estabelecimentos de ensino.

Enfim, ou falta incentivo por parte das políticas públicas educacionais, ou qualificação dos docentes, ou condições físicas adequadas para a implantação de equipamentos tecnológicos. Mas é evidente também num período como esse a impossibilidade de se fazer educação prescindindo das novas tecnologias digitais. Embora os limites para a incorporação dos recursos tecnológicos à educação sejam de toda ordem, como visto, tudo indica que o caminho do ensino passa pelo universo tecnológico

Após a revisão da literatura sobre o ensino-aprendizagem em tempos de pandemia, as observações dos estudos científicos contribuíram para o desdobramento deste trabalho, depois de ter identificado a necessidade de concentrar esforços para inovar e sistematizar o conhecimento no processo de ensino-aprendizagem e respondido o objetivo proposto de forma satisfatória ao longo deste trabalho, ficou evidenciado o quanto ainda há por se fazer até que alcancemos um patamar de equidade no entendimento à educação, especialmente no Brasil.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, *Deleuse Russi de*. **O Aluno Virtual: perfil e motivação**. Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis. 2007. Disponível em: [https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/11278/1/88701\\_Deleuse.pdf](https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/11278/1/88701_Deleuse.pdf). Acesso em: 22 ago. 2023

BOLZAN, Regina de Fátima Frutuoso de Andrade. O conhecimento tecnológico e o paradigma educacional. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 1998. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/158192/137987.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 ago. 2023

CAVELLUCCI, Lia Cristina Barata. **Estilos de aprendizagem: em busca das diferenças individuais**. Disponível: [https://academius.com.br/portal/images/stories/953/estilos\\_de\\_aprendizagem.pdf](https://academius.com.br/portal/images/stories/953/estilos_de_aprendizagem.pdf). Acesso em: 18 ago. 2023

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro. IBGE. 2020.

Organização Mundial da Saúde. **A experiência internacional com os impactos da COVID-19 na educação**. 2020 Disponível em: <https://nacoesunidas.org/artigo-a-experiencia-internacional-com-os-impactos-da-covid-19-na-educacao/>. Acesso em: 23 ago. 2023

PRESSE, France. **Unesco: metade dos estudantes do mundo sem aulas por conta da Covid-19**. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/03/18/unesco-unesco-metade-dos-estudantes-do-mundo-sem-aulas-por-conta-da-covid-19.ghtml> Acesso em: 22 ago. 2023

TRICATE, Myriam. A educação a distância contra a pandemia. **PEA UNESCO**. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2020/03/25/educacao-a-distancia-unesco/>. Acesso em: 20 ago. 2023.